

Em uma mesa banquetes são oferecidos.
Em uma mesa banquetes são organizados. Decididos.
Em uma mesa, também, a fome pode ser decidida.
Organizada.
Porque a fome como o banquete são decisões.
TRECHO DO ROTEIRO

É preciso aproveitar sempre as brigas dos poderosos, retirando delas algum benefício.
LENDA INDIANA

Uma civilização que é incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente. A civilização chamada “europeia”, a civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial.
AIMÉ CÉSAIRE

Durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã. Mas o confronto não pode ser adiado indefinidamente.
FRANTZ FANON

Vi homens sentados na balastrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome.
JOSUÉ DE CASTRO

Señores voy a contarles lo del abastecimiento, que causa tanto tormento a gente tan refinada.

Se quejan de que no hay nada, que no soportan las colas, cuando quieren juntar rabia golpean las cacerolas.
VICTOR JARA

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.
GRACILIANO RAMOS

As leis do mercado impõem a ignorância intencional do fato que a alimentação é um direito humano, um direito de todos.
JEAN ZIEGLER

Quem tem fome tem pressa.
PROVÉRBIO POPULAR

Eu tenho tanta dó dos meus filhos. Quando eles vêem as coisas de comer eles bradam: Viva a mamãe. A manifestação me agrada. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura pra Dona Ida. Ela não tinha. Mande-i-lhe um bilhete assim: Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.
CAROLINA MARIA DE JESUS

A palavra, “companheiro”, vem do latim “cum panis”. Significa aquele com quem dividimos o pão.



fome.doc

ENSAIO SOBRE A NECESSIDADE E A LIBERDADE

Após a crise econômica de 2008 a FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, estimou que um bilhão de pessoas passava fome no mundo. Um número recorde. Uma calamidade inaceitável. O fato, gravíssimo em si, era ainda mais escandaloso porque perfeitamente evitável. E ele persiste com pequenas variações. Fome, desnutrição grave, morte por insuficiência alimentar não são fatalidades. Não há escassez de alimentos, guerras ou pragas que as expliquem ou justifiquem. O problema é a brutal desigualdade social. Se há consenso em não tolerar a fome (embora muitas vezes ele se limite ao discurso), não há consenso sobre suas causas e soluções. Para entender a fome no mundo os diagnósticos precisam incluir temas como latifúndio, agronegócio, financeirização, oligopólios, privatizações, neoliberalismo. E os remédios não podem ignorar a reforma agrária, a democratização da mídia, a educação e a cultura de qualidade, a auto-organização e a emancipação popular.

Ao avaliar os trabalhos recentes da Companhia e a maneira como lidamos com as questões sociais, constatamos que a ênfase passou das análises superestruturais - investigação das mistificações e obscurantismos em *Manual de autodefesa intelectual* (2015) e das arquiteturas ideológicas em *Material Bond* (2016) -, para o estudo da infraestrutura material. Por isso *Fome.doc* nomeia as corporações do agronegócio, fala de dinheiro, commodities, trustes e lucros. Inspirados no teatro documentário, recuperamos das páginas da imprensa, de relatórios e balancetes, de livros de sociologia e do zunido das bolsas, uma crônica destas maquinações que - citando as palavras de Josué de Castro - “esmagam com a mesma indiferença, a cana e o homem: reduzindo tudo a bagaço”.

Mas trata-se apenas de um deslocamento de ênfase, já que esta aspereza (do capital, da ignorância, da arrogância) é comentada e temperada pela poesia. Mas uma poesia *joão cabralina*. Corte, cerca, faca, seca. Poesia que nomeia o chicote da lavoura arcaica chamada Pindorama; que conta a sina do artista da fome de Kafka, dos violeiros e brincantes do bumba-meu-boi e que também sugere equinócios de inverno e um jaguar engolindo o sol, ecos de histórias ancestrais.

Não seria errado afirmar que nosso tema, desde o início, foi uma dupla fome: literal e metafórica. Esteve sempre em questão a ideia da construção do humano e sua contrafação no reino da mercadoria, da exploração e da violência. A necessidade e a liberdade em conflito aberto. Por isso a tragédia indígena,

elemento de uma identidade difusa do Brasil, reprisada em massacres aparentemente sem fim, convive neste experimento teatral com outra chaga nacional: a escravidão e sua herança persistente. Pelo mesmo motivo associamos o holocausto judeu, um dos ápices da desumanização, às investidas neocoloniais. Correndo em paralelo, uma antiga e não resolvida questão: as possibilidades e os limites da palavra e da arte; a relação tumultuada entre ação e representação, história e ficção. Como caminhos ou respostas possíveis, consciência e vontade, política radical e invenção artística.

Nesta trajetória surgiram muitos materiais e referências: os diários da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus; Primo Levi, o sobrevivente de Auschwitz e Mahmud Darwich, o poeta da causa Palestina; Frantz Fanon e Aimé Césaire denunciando a agressão colonial; Glauber Rocha e a estética terceiro-mundista da fome; José de Alencar e as cartas sobre a escravidão, retrato de uma burguesia cínica e predatória. E ainda: Câmara Cascudo, Shakespeare, Oscar Wilde, Karl (e Groucho) Marx, Graciliano Ramos, Eliane Brum, Raduam Nassar, Jean Ziegler, Martín Caparrós. Compilamos provérbios sobre a fome e descobrimos uma fábula sobre os párias indianos, ela também pária entre outras mais ilustres (Esopo, La Fontaine). Passamos pelas análises lúcidas e comprometidas de Susan George, Roberto Schwarz, Mike Davis, Edward Said, Ismail Xavier, Paulo Arantes, entre tantos outros analistas, cientistas e ativistas. Canibalizamos músicas e canções (Beethoven, João Cage, Victor Jara, Ary Toledo, Jordi Savall, samba e rock), filmes (*Sr. Klein* de Losey, *O profeta da fome* de Capovilla, *Vidas secas* de Nelson Pereira, muitos documentários), além de imagens e obras de arte (Portinari, Yuri Kuper, os bisões de Niaux e Chauvet). Este conjunto, heteróclito mas coerente, nos ajudou a construir um panorama, precário mas urgente, das fomes do mundo.

Por último, mas não menos importante, destacamos as parcerias realizadas com movimentos artísticos e sociais (como o teatro de grupo de São Paulo e o MST) e com companheirxs de estrada (Arbex, Bel Loureiro, Zé Corrêa...). Um grande obrigado coletivo. Ao público, desejamos bom proveito! E que todos saiam do teatro menos saciados do que entraram.

A EQUIPE

FICHA TÉCNICA

ROTEIRO E DIREÇÃO GERAL Fernando Kinas

ELENCO Fernanda Azevedo e Renan Rovida

DIREÇÃO E EXECUÇÃO MUSICAL Eduardo Contrera

ILUMINAÇÃO Aline Santini

CENÁRIO Márcia Moon

FIGURINO Madalena Machado

ASSISTÊNCIA E OPERAÇÃO DE LUZ E SOM Clébio Souza (Dedê)

CONFECÇÃO DE MARIONETES Celso Ohi

PREPARAÇÃO VOCAL Roberto Moura

EDIÇÃO DE IMAGENS Luiz Gustavo Cruz

VOZES GRAVADAS Marilza Batista e Félix Sánchez

PROGRAMAÇÃO VISUAL Camila Lisboa (Casa 36)

FOTOGRAFIA Filipe Vianna

CENOTÉCNICO Lázaro Batista Ferreira

PRODUÇÃO Luiz Nunes e Daniela Embón

REALIZAÇÃO Kiwi Companhia de Teatro

www.kiwiciadeteatro.com.br

DURAÇÃO 120 minutos

CLASSIFICAÇÃO 14 anos

FOME.DOC estreou no Centro Cultural São Paulo no dia 14 de julho de 2017.

Este projeto foi contemplado pela 29ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

APOIO



REALIZAÇÃO



Projeto realizado com o apoio do ProAC

